

AJ01948

12 - Vitória (ES), sábado, 27 de dezembro de 2003

ECONOMIA

A GAZETA

Capixaba vive com R\$ 280 por mês

IBGE Pesquisas

A renda mediana mensal do capixaba é de R\$ 280,00, um valor que está R\$ 20,00 abaixo dos R\$ 300,00 recebido pelo trabalhador brasileiro. O dado consta da amostra do censo demográfico de 2000, divulgado ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O mesmo estudo indica que a População Economicamente Ativa (PEA) do Espírito Santo é de 1.200.995 cidadãos.

São 760.617 homens (63,33% do total) e 440.378 mulheres (36,67%). As mulheres tem uma remuneração mediana mensal menor. Elas recebem R\$ 220,00. Os homens ganham R\$ 300,00. É o caso de Maria Lúcia Furlan, de 38 anos, que com um salário de R\$ 240,00, sustenta dois filhos e dois sobrinhos.

“Minha mãe morreu há três meses. Ela recebia uma pensão de R\$ 2 mil e cuidava dos meus sobrinhos, além de me ajudar com as despesas da casa. Agora que ela se foi, passei a ser responsável por mais duas crianças e por pagar todas as contas sozinha. Mesmo assim, só tenho a agradecer a Deus pela minha saúde”, diz a servidora da prefeitura de Vila Velha, que mora no bairro Pri-

Censo 2000 mostra que renda mediana do trabalhador do Estado é menor que a nacional; mulheres ganham ainda menos, apenas R\$ 220 por mês, segundo o IBGE

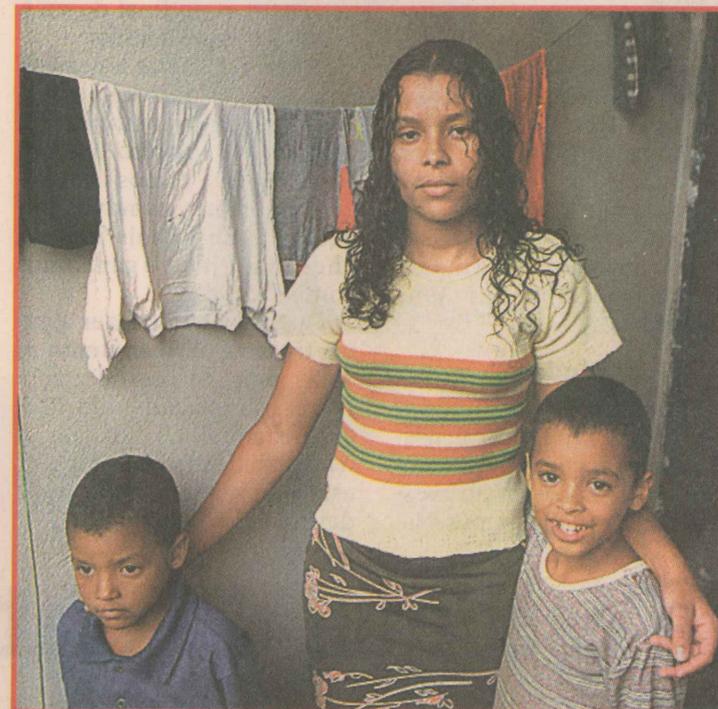
KENIA AMARAL E WALTER CONDE



Chico Guedes

MULHER DE FIBRA

A funcionária pública Maria Lúcia Furlan, de 38 anos, recebe R\$ 240,00, sustenta dois filhos e dois sobrinhos: ‘Só tenho que agradecer a Deus pela minha saúde’



Chico Guedes

SUPERANDO DIFICULDADES

A auxiliar de cozinha Elina Soares, de 22 anos, também ganha um salário mínimo, que é pouco para ajudar o marido a criar os dois filhos, de 4 e 7 anos

Índice alto de trabalho infantil

ADRIANA MENEZES

Nos últimos nove anos, o índice de crianças de 10 a 14 anos de idade que trabalham no Espírito Santo caiu de 9,7% para 8,5% sobre a população de 315.932 crianças residentes no Estado, dentro desta faixa etária, segundo as informações divulgadas ontem pelo IBGE.

Os números do Censo 2000 mostram que 27.135 crianças trabalhavam, enquanto que em 1991 eram 29.890. Apesar da queda, o Estado continua com um índice acima da média nacional, quem que 6,6% das crianças possuem uma ocupação, representando cerca de 1,14 milhão de trabalhadores infantis em todo país.

Segundo os dados do Censo 2000, as áreas rurais continuam sendo foco do trabalho infantil. A cada cem crianças vivendo no campo, em 2000, 15 exerciam alguma atividade.

O cruzamento de dados no país mostrou que a exploração de mão-de-obra infantil atingiu mais os meninos. Fo-

meiro de Maio, no município.

A auxiliar de cozinha Elina Soares, de 22 anos, que mora no mesmo local, também recebe um salário mínimo. Ao lado dos dois filhos, de 4 e 7 anos, ela ressalta que gostaria de ganhar um pouco mais, pois a renda dela e do marido (ele trabalha como gari, em Vila Velha, e ganha R\$ 480,00) não é suficiente para construir a tão sonhada casa.

Na análise da renda em cada um dos 78 municípios, Vitória mantém a liderança. O salário nominal mediano é de

R\$ 488,00 por mês. Do outro lado está Água Doce do Norte, onde está a menor renda por empregado: R\$ 150,00.

Este é o mesmo valor mediano de toda a PEA de Laranja da Terra, incluindo as retiradas mensais dos empresários e a receita dos autônomos. Especificamente entre os empresários, o menor valor de retirada ocorre em Jaguaré. Por mês, o rendimento nominal mediano da classe empresarial é de R\$ 180,00.

A mesma pesquisa divulgada pelo IBGE traz uma surpresa. O maior volume de retirada mediana mensal, entre os empregadores, não é na Capital. É Dorés do Rio Preto. A cada 30 dias, o saque mediano é de R\$ 2,9 mil.

Escolaridade

O órgão de pesquisas chamou atenção para o fato de que 34% dos capixabas ocupados, com 10 anos ou mais de idade, terem entre

quatro e sete anos de estudo. Outros 24% não possuem instrução, apesar de não serem reconhecidos pelo IBGE como analfabetos. A pesquisa foi realizada em 2000 e, somente agora, está sendo divulgado o detalhamento técnico.

O IBGE utiliza o indicador mediana porque ele reflete melhor o valor do rendimento, do que a média. Esta última é a divisão de toda a renda pela quantidade de pes-

soas. Na mediana é utilizado um peso, evitando que um grupo reduzido com alto salário eleve a média de todos os trabalhadores.

Ao utilizar o cálculo da média familiar, o rendimento mensal é de R\$ 995,41. São 896.458 famílias, que integram a PEA estadual. Nessa análise, o IBGE detectou que a média mensal da área urbana é de R\$ 1.097,72. No setor rural, o rendimento cai para R\$ 551,45.

ram 771 mil trabalhadores mirins contra 370 mil meninas. No Espírito Santo, para cada uma menina trabalhando, há dois trabalhadores mirins do sexo masculino, ou seja, são 18.427 meninos contra 8.708 meninas na mesma situação.

A pesquisa também aponta uma correlação entre o número de crianças que trabalham de acordo com a quantidade de anos de estudo. No Espírito Santo, 67% das crianças que trabalham têm de 4 a 7 anos de estudo. O índice desce para 4%, com 1.121 trabalhadores.



Censo 2000

Os dados do IBGE mostram uma radiografia sobre as famílias brasileiras, no aspecto social e econômico. Confira

Renda média mensal do trabalhador



Renda por setores

Com carteira de trabalho assinada	R\$ 300,00
Militares e funcionários públicos estatutários	R\$ 500,00
Outros sem carteira de trabalho assinada	R\$ 160,00
Empregadores	R\$ 1.500,00
Autônomos	R\$ 300,00



Curiosidades

Empregador

- 1 Maior renda Dorés do R. Preto R\$ 2.900,00
- 2 Menor renda Jaguaré R\$ 180,00

Trabalhador

- 3 Maior renda Vitória R\$ 488,00
- 4 Menor renda Água D. do Norte R\$ 150,00
- 5 Maior renda Vitória R\$ 500,00
- 6 Menor renda Laranja da Terra R\$ 150,00

Pessoas empregadas

Total 1.309.287

Escolaridade dos empregados

Instrução

0 a 1 ano	87.219
1 a 3 anos	176.894
4 a 7 anos	450.214
8 a 10 anos	228.577
11 a 14 anos	281.899
15 anos ou mais	76.112
Não determinados	8.372

Trabalho infantil

Percentual da população infantil



Crianças de 10 a 14 anos trabalhavam

Casamentos multirraciais

Índice de união entre casais

No Espírito Santo



No Brasil



Cresce o número de famílias multirraciais no Estado

ADRIANA MENEZES

Cada vez mais pessoas concretizam relacionamentos multirraciais no Espírito Santo. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), enquanto em 1991, 76% dos responsáveis pela família, de cor branca, uniam-se a cônjuges de mesma cor, em 2000, o índice caiu para 69%.

A redução também acompanha outras raças. As uniões entre pardos, por exemplo, caíram de 65% para 60% e, entre negros, de 44% para 34%. Já o número de uniões entre pessoas amarelas residentes no Estado passou de 40% para 26%. No caso dos indígenas, a redução foi de 35% para 18% de uniões também com pessoas indígenas.

De acordo com a analista do IBGE, Rosana Maria Morgado, os dados foram coletados a partir das pessoas responsáveis pelas famílias.

A especialista afirma que o Espírito Santo acompanha a média nacional. “No Brasil, o

índice de uniões entre brancos passou 84% para 79%. No caso dos pardos o percentual caiu de 71,1% para 63,8% e, entre os negros, o número passou de 48,8% para 40,6%”, disse.

Discriminação

Para o economista Adalberto Diogo Costa Neto, de 36 anos, noivo da bacharel em Letras Wilsynara Cezini, de 28 anos, o aumento de uniões multirraciais possui vários fatores. “A oferta de informação, educação e cultura vem diminuindo a discriminação. Eu, por exemplo, sou negro e sempre me relacionei com mulheres de cor branca”, comentou.

Para Wilsynara, que é descendente de italianos, o preconceito não deixa de existir. “Sempre escutamos piadas e sinto que a minha mãe ainda possui uma pequena resistência. Por outro lado, a própria mídia têm dado visibilidade aos casais multirraciais”, comentou.

Rodrigo Segóvia Ferreira,

de 28 anos, negro, e marido de Flávia Queiroz Rios, de 26 anos, que é branca, acredita que as famílias têm interferido menos nos relacionamentos, o que contribui para a união dos casais.

Para Flávia, o casal multirracial ainda precisa estar preparado para enfrentar o preconceito. “Sou casada com um negro e percebo que, por muitas vezes, o preconceito existe tanto da parte das pessoas de pele branca quanto das de pele negra”, observa.

Ao analisar qual a preferência ou incidência de união entre os casais multirraciais no Espírito Santo, o IBGE descobriu que o menor índice de união entre brancos responsáveis por famílias é em relação às pessoas amarelas e indígenas. Entre os negros responsáveis por famílias, a incidência de união é maior com pessoas de cor parda, seguida por pessoas também negras. Em terceiro lugar, fica a união com pessoas brancas.



Edson Chagas

Afeto

O economista Adalberto Diogo Costa Neto e a noiva Wilsynara Cezini são o exemplo da mudança no perfil dos relacionamentos no Estado